

# Velhas damas suspeitas

WILSON FIGUEIREDO

Há pelo menos uma razão superior – entre muitas inferiores – para a sucessão de 2002 cobrir de suspeita os presidenciais verossímeis. A reeleição desarrumou as expectativas acumuladas com paciência e está à procura de espaço para fazer parte da vida brasileira.

Os primeiros sintomas da reeleição só se manifestaram depois que Fernando Collor chegou com jeito de dispor do futuro, mas acabou sobrando mesmo para Fernando Henrique, a quem coube realizar a última aspiração da burguesia brasileira. Veio a ser, por sinal, a razão decisiva do primeiro mandato dele e das agruras do segundo. Faltou, porém, definir para que serviria, além de duplicar mandatos.

A fantasia burguesa de adotar a reeleição presidencial precisou de fazer concessão. Deu carona aos governadores, para viabilizar-se. Os prefeitos entraram como penetras. Nada impede oportuna sacudidela geral para restringir o privilégio aos presidentes. A reeleição bateu a carteira de muita gente boa para eleição.

Nunca se esboçou tão cedo, dentro das conveniências políticas, a tomada de posição para valer tanto tempo depois. Nem como conversa fiada. Tudo em políticos com cabedal de votos se torna suspeito de ser semente lançada em terreno eleitoral, onde tem sido replantada, de tempos em tempos, a plantinha tenra registrada no livro de retórica nacional com o nome de democracia.

E, como candidatura sempre se faz ao preço de outra que deixa de ser feita, a desconfiança já se generalizou. O círculo de suspeição se reproduz em cada estado. Candidatos aos próprios lugares vão enfrentar escaramuças antes do grande final nas urnas – a verdadeira mãe de todas as

batalhas – e podem desde já contar certo com duas oposições, uma declarada e ostensiva, outra oculta na intimidade do governo.

O amável abrandamento da crise e a bajulação oficial dos números da economia são insuficientes para desembaçar a perspectiva que distribui, para confundir, intenções eleitorais como condecorações. Por aí o Brasil vai estourar como grande democracia no começo do milênio.

Candidatos nem se dão mais ao trabalho de negar. Itamar Franco, Antônio Carlos Magalhães, Mário Covas, Fernando Collor, Lula são mesmo a contragosto, quanto mais que candidatura presidencial não se recusa.

Itamar Franco foi empurrado para a fogueira pela intenção oficial de queimá-lo no fogo que ele próprio ateou e, passada a crise de janeiro, desenhou-se a candidatura Mário Covas como quem não quer nada, em versão social-democrata restaurada. E, como sobressalente, José Serra com robusta saúde percentual nas pesquisas. Qualquer deles pode recuperar os votos que Fernando Henrique perdeu à esquerda, por conta da estabana globalização em que se enrolou. Covas manteve no governo pé atrás em relação ao neoliberalismo. Fez o que era preciso deixando claro que cedia às conveniências federais.

Não fingiu acreditar nos valores apregoados pela economia de mercado, essa velha dama suspeita. O oposto de Fernando Henrique, que cumpriu o mandato com o exagero dos convertidos que se penitenciam pelo atraso diante da luz da verdade.

Candidato? Antônio Carlos Magalhães ocupou por conta própria espaço desprezado pelos candidatos que passam longe do eleitorado para evitar o lado que faz fronteira com a direita. Adiantou-se aos futuros colegas do páreo presidencial. Pena de morte (para bandido comum) é

voto na certa, moralismo exacerbado dá prestígio, CPI dos juizes rende mais que a dos bancos na classe média.

Os sinais de que a reeleição gerou desequilíbrio político e teve consequência direta na ecologia eleitoral, no ano passado, foi a tardia candidatura Itamar Franco à presidência. O PMDB já estava comprometido com a reeleição de Fernando Henrique. Sem essa, a candidatura dele seria natural, tanto quanto se pode falar em candidatura natural. Bastava-lhe a credencial de avô do real, deixando a FH a de pai para efeitos legais. O tempo fechou na convenção do PMDB e a consequência veio de Minas, por via eleitoral. A desvalorização do real (antes da eleição) liquidaria a candidatura Itamar mas levaria a dele de roldão. A crise caiu no colo de Fernando Henrique depois da posse.

Outra candidatura histórica é a de Luís Inácio da Silva (enquanto houver eleição), independente de reeleição, requentada à direita. Na batalha final contra Collor, faltou a Lula suporte social na classe média, onde a direita tem raízes que florescem com exuberância tropical. Lula perdeu o confronto direto – no segundo turno – porque opção entre direita e esquerda a classe média decide. Com Fernando Henrique não houve polarização ideológica em nenhuma das vezes e, em consequência, o segundo turno ficou superfluo e Lula em disponibilidade.

Candidatos naturais (reconhecíveis a olho nu) são os anteriores à reeleição e, portanto, por ela preteridos: Collor, Lula, Itamar, ACM (que não sabia mas era). O estoque é inesgotável. Serra, José Sarney e governadores, como hipótese, são todos válidos. Sem falar na figura do *tertius*, que aparecia como fantasma e desaparecia como indesejável no passado insepulto.